



## **Jornalismo Investigativo a partir da Análise de Processo do livro-reportagem**

**Clamor, de Samarone Lima<sup>1</sup>**

Raissa Nascimento Dos Santos<sup>2</sup>

Carla Roberta Rego Neto<sup>3</sup>

Claudio Cardoso Paiva<sup>4</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### **Resumo**

O presente artigo reflete sobre o Jornalismo Investigativo utilizando como aporte teórico autores como Gabriel Garcia Márquez (1997), Montserrat Quesada (1987) e Gerardo Reyes (1998). Avança no debate acadêmico ao usar o legado do filósofo Karl Popper (1992) para nortear as reflexões acerca da aplicabilidade da teoria da verdade objetiva no jornalismo investigativo. Com este embasamento teórico o artigo avança na investigação e analisa os documentos de processo do livro-reportagem Clamor, do jornalista pernambucano Samarone Lima.

### **Palavras-chave**

Jornalismo Investigativo; Documentos de Processo; Livro-Reportagem; Clamor.

### **1. Jornalismo Investigativo**

A essência do jornalismo consiste em buscar a verdade dos fatos noticiados. Gabriel Garcia Márquez na obra “Notícia de um Sequestro” afirma que “a investigação não é uma especialidade dentro da profissão, mas que todo jornalismo deve ser investigativo por definição” (Márquez, 1997, p. 46). Com efeito, a apuração jornalística é o primeiro passo importante no trabalho do repórter e é o que confere credibilidade às práticas jornalísticas. Convencionalmente, denomina-se jornalismo investigativo a elaboração de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e-mail: [raissa.nascimento.santos@gmail.com](mailto:raissa.nascimento.santos@gmail.com)

<sup>3</sup> Administradora formada pela Faculdade Santa Maria, Especialista em Gestão Estratégica de Capital Humano pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e Pós-Graduada em Gestão de Marketing do Centro de Desenvolvimento Empresarial (Cedepe), e-mail: [carlarobertarego@gmail.com](mailto:carlarobertarego@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutor em Ciências Sociais, professor Associado ao Programa de Pós Graduação em Mestrado Profissional em Jornalismo da UFPB, e-mail: [claudiopaiva@yahoo.com.br](mailto:claudiopaiva@yahoo.com.br)



matérias que envolvem a denúncia de alguma atividade ilícita, como descreve Montserrat Quesada no livro “La Investigación Periodística”:

Así pues, el objetivo general que no debe eludir nunca el periodismo de investigación le obliga a no limitarse simplemente a informar de situaciones que no se producen como debieran, sino que siempre debe haber implícita una voluntad de denunciar esas situaciones (QUESADA, 1987, p. 35).

A citação remete ao conceito clássico de jornalismo como um dos pilares da democracia no Ocidente, exercício da liberdade de expressão, enfrentamento dos poderes hegemônicos e das arbitrariedades que colocam em risco os direitos humanos. E, sobretudo, instiga a tomada de consciência para a importância da vontade e predisposição do jornalismo investigativo de ir além da sua mera função informativa, agindo com vigor e responsabilidade na denúncia das situações de crise, anomia e adversidade.

Por sua vez, Gerardo Reyes no artigo: “Intersticios del Periodismo de Investigación” caracteriza o trabalho do repórter no jornalismo investigativo de maneira semelhante a de um detetive em busca da verdade dos fatos:

Algunas veces todas las piezas son obtenidas por el periodista y otras llegan a sus manos porque alguien se entera de que las está buscando, pero em ambos casos, su perseverancia, el hecho de estar siempre ahí escuchando quejas y rumores, mirando documentos y siguiendo pistas, es la clave para obtener una información que quedaría oculta si no fuera por su olfato inquisitivo (Reyes, 1998, s/p<sup>5</sup>).

Destacam-se aqui as necessárias estratégias de atenção, observação e participação do jornalista investigativo. A importância da fonte, o trabalho de pesquisa, análise, ouvidoria, mas principalmente o empenho na busca das pistas, indícios e sinais, o exame dos dados, evidências, documentos e a averiguação dos fatos que se tornarão notícias. Reys (1998) ressalta o perfil deste tipo de jornalista, empenhado na descoberta dos fatos ocultos, o seu “olfato inquisidor”, o que remete à natureza de um *métier* que não se reduz ao exercício lógico, racional, mas inclui a intuição, o *feeling*, o presságio do investigador.

---

<sup>5</sup> Cf. site Sala de Prensa. Web para profesionales de la comunicacion iberoamericanos. Mexico, 1998. Disponível em: <<http://www.saladeprensa.org/art12.htm>>. Acesso em: 10 04. 2014



Para nortear a busca do repórter, o ceticismo pode ser uma valiosa ferramenta. Esta palavra é empregada aqui, considerando a sua origem grega, como explica o filósofo Karl Popper no livro: “Em Busca de Um Mundo Melhor”:

O dicionário de alemão de Duden define <<cepticismo>> (Skepsis) como <<dúvida, descrença>> e <<céptico>> (Skeptiker) como <<indivíduo desconfiado>>. E é este, evidentemente o significado da palavra alemão e, de um modo geral, o significado moderno. Todavia, o verbo grego de que derivou a família de palavras em língua alemã (skeptisch, Skeptiker, Skeptizismus) não significa originalmente <<duvidar>>, mas <<observar experimentando, verificar, ponderar, analisar, procurar, investigar>> (POPPER, 1992, p. 174).

No conjunto polimorfo dos afetos que constituem a *psiquê* do jornalista investigativo, o ceticismo, como sinônimo de dúvida, descrença, desconfiança certamente faz parte da complexidade de sensações e sentimentos que moldam a percepção e ação deste profissional. Mas, a lógica de Popper alerta – especificamente – para um estilo de “dúvida metódica” que mobiliza o senso de observação aliado à concretude da experiência, o exercício da verificação, análise, ponderação, que concorrem para o êxito da tarefa investigativa.

O resgate do vocábulo ceticismo, na sua etimologia grega, é estratégico à discussão proposta neste artigo na medida em que pode vir a refinar a percepção para o significado do repórter no trabalho de investigação; principalmente, na busca da verdade objetiva em detrimento da verdade subjetiva. Como explica Popper,

O que quer que eu diga pode ser verdadeiro sem que eu ou qualquer outra pessoa saiba que é verdadeiro. Isto significa, porém, que a verdade é objectiva: a verdade é a concordância entre aquilo que eu digo e os factos; quer eu saiba ou não saiba que esta concorrência existe (POPPER, 1992, p. 176).

Enuncia-se aqui uma estratégia discursiva apoiada numa perspectiva hermenêutica (a rigor, uma interpretação histórica dos fatos), buscando apreciar o “ofício do jornalista” ligado aos aspectos valorativos dos conceitos de “verdade”, “objetividade”, “facticidade”. No domínio das teorias do jornalismo, tais conceitos se prestam a controvérsias, críticas e discussões; entretanto, constituem historicamente as espinhas dorsais no imaginário dos jornalistas desde os primórdios da profissão.

No jornalismo, a aplicabilidade da teoria da verdade objetiva, formulada por Popper, encontra a sua relevância, ao considerarmos os esforços dos jornalistas em relatar os acontecimentos buscando avaliar as diversas vertentes da história, de modo



que o leitor esteja guarnecido de informações suficientes para interpretar fidedignamente o fato jornalístico. Como descreve Clóvis de Barros Filho, na obra “Ética na Comunicação”:

Se os aspectos formais do trabalho mediático sugerem uma objetividade jornalística, as técnicas do jornalismo, bem como a relativa homogeneidade da abordagem mediática fazem do conteúdo um ponto central nessa análise (BARROS FILHO, 2008, p. 269).

Ao contemplarmos a atividade jornalística é preciso entender a sua importância no contexto da divisão social do trabalho, a sua função no cerne de uma estrutura organizacional e tecnoburocrática, a sua inserção no âmbito de um sistema produtivo que requer racionalidade, exatidão, objetividade. Os “aspectos formais” da produção jornalística não passam despercebidos por Barros Filho. Todavia, a sua análise remete a nossa atenção para a natureza dos conteúdos dos produtos midiáticos e jornalísticos.

Neste sentido, o conteúdo (e a forma) do jornalismo investigativo apresenta distinções importantes, por exemplo, em relação ao jornalismo informativo, considerando-se que o “ceticismo” - característico do gênero - conduz à perseverança no ato de investigação.

O ceticismo no jornalismo – como ação afirmativa – é vital para que as notícias sejam analisadas, verificadas, checadas antes de serem publicadas. Ao reconhecermos positivamente a teoria popperiana de “verdade objetiva”, percebemos que, por este caminho o trabalho jornalístico adquire prestígio, credibilidade e cumpre a sua função social.

Com efeito, o ceticismo faz parte do ethos e responsabilidade que rege o processo investigativo, no contexto das práticas jornalísticas, desde a apuração dos fatos, o cuidado na verificação das fontes e a atenção no que respeita à inclusão dos testemunhos na reportagem até o rigor na elaboração do texto jornalístico. Em suma, o jornalismo investigativo se norteia pelo ceticismo que duvida das aparências e aposta numa “teoria da verdade objetiva”, a qual se verifica pela acuidade do repórter acerca dos acontecimentos reais, considerando tudo que estes contêm de risco e complexidade. O jornalista investigativo acredita, assim, poder levar ao leitor um produto final cujo conteúdo prima pela qualidade, sendo pautado pelo empenho na busca cuidadosa, na averiguação da veracidade dos fatos e, especialmente, pelo sentimento de ética, respeito e responsabilidade.

## 2. A Investigação

Na época da ditadura militar brasileira<sup>6</sup>, diversos grupos e movimentos em prol dos direitos humanos nasceram para denunciar as arbitrariedades nesse momento histórico do país. O Brasil e os países vizinhos da América do Sul tiveram forte representação com o Grupo Clamor<sup>7</sup>, liderado pelo Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, com o apoio e participação da jornalista inglesa Jan Rocha, do advogado Luiz Eduardo Greenhalgh e do pastor presbiteriano Jaime Wright. Os trabalhos iniciaram em uma pequena sala da Cúria Metropolitana de São Paulo.

O jornalista pernambucano Samarone Lima escreveu, em 2003, o livro-reportagem: “Clamor – a vitória de uma conspiração brasileira” em que contava a história de trabalho do Grupo. O livro com 259 páginas, da Editora Objetiva descreve a investigação do autor ao narrar acontecimentos marcantes e chocantes do período da ditadura militar no Brasil, Argentina, Chile e Uruguai.

Neste artigo apresentaremos o trabalho de apuração e investigação do jornalista Samarone Lima para escrever o livro-reportagem: “Clamor”. Segundo o semiótico Charles S. Peirce<sup>8</sup> (1991:13-58) durante a investigação o raciocínio perpassa três estágios: abdução<sup>9</sup>, dedução<sup>10</sup> e indução<sup>11</sup>, tendo sempre a companhia das hipóteses<sup>12</sup> que serão verificadas ou refutadas e assim, reformuladas.

A abdução se inicia a partir dos fatos, sem que, nesse começo, haja qualquer teoria particular em vista, embora seja motivada pelo sentimento de que a teoria é necessária

---

<sup>6</sup> O período da ditadura militar brasileira estendeu de 1964 a 1985.

<sup>7</sup> A palavra Clamor tinha o mesmo significado em português, inglês e espanhol. Em português e espanhol, continha a palavra amor; no inglês clamour, o l'amour, do francês. Além disso, trazia as letras L e A, de América Latina ou Latin America. Era a palavra perfeita para os desafios que o grupo se propunha a enfrentar, principalmente o de mobilizar a opinião pública internacional para a violação de direitos no Cone Sul (LIMA, 2003, p. 35).

<sup>8</sup> Peirce foi citado por Thomas Sebeok e Jean Umiker Sebeok no artigo: “Você conhece o meu método: uma justaposição de Charles S. Peirce e Sherlock Holmes”, no ano de 1991.

<sup>9</sup> Segundo Peirce (1991: 19) resumidamente diz que: “a abdução, ao fim das contas, não é senão conjectura”.

<sup>10</sup> O estado dedutivo consiste em criar mecanismos para provar, como defendeu Peirce (1998:221), que “algo deve ser”.

<sup>11</sup> Peirce defendia a indução como o único método comprobatório e afirmava (1991:28): “as hipóteses que relutamos a submeter ao teste da indução são os maiores obstáculos a um raciocínio bem sucedido”.

<sup>12</sup> De acordo com Peirce (1991: 28): “a melhor hipótese é aquela mais simples e mais natural, a mais fácil e menos dispendiosa de ser checada e que, além do mais, contribui para uma compreensão do espectro mais amplo de fatos possíveis”.

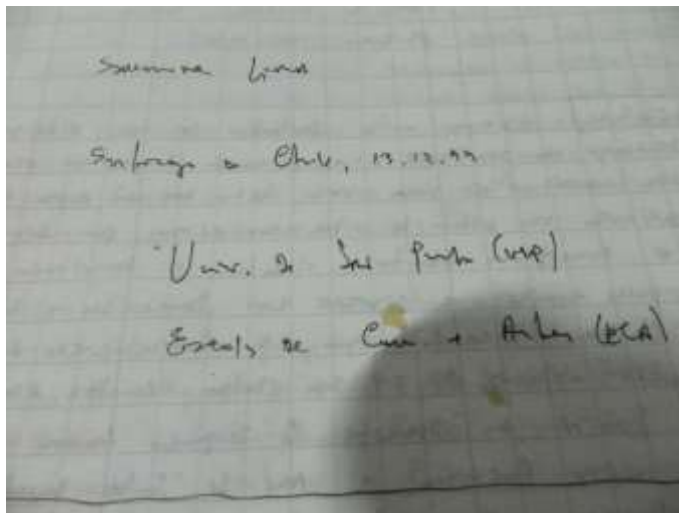
para explicar os fatos surpreendentes. A indução se inicia de uma hipótese, que parece a recomendar-se a si própria, sem que, nesse começo, hajam quaisquer fatos em particular à vista, embora sinta necessidade de fatos para sustentar a teoria. A abdução persegue uma teoria, a indução persegue fatos fotos de como os corpos estavam quando foram encontrados pela polícia... Na abdução, a consideração dos fatos sugere a hipótese. Na indução, o estudo das hipóteses sugere a experimentação que traz a luz os próprios fatos, para os quais a hipótese havia apontado (TRUZZI,1983, p. 32).

Samarone caminha durante toda a apuração pelos três estágios do raciocínio (abdução, dedutivo e indutivo). E escolhe, segundo Hitchings (1946:115-116)<sup>13</sup>, o método mais difícil “raciocinar do efeito em direção à causa é menos frequente e portanto, mais difícil do que raciocinar da causa para o efeito”. Também, é observada a comunicação entre o autor e os documentos de processa da época em que a história se desenvolveu. Como Cecília Sales no livro Gesto Inacabado (1998:42) “muitos críticos e criadores discutem a questão de que não há criação sem tradição: uma obra não pode viver nos séculos futuros se não se nutriu dos séculos passados”. Ela também ressalta a importância dos diálogos íntimos do autor e assim o define:

A obra vai sendo permanentemente julgada pelo criador (...). Estamos, assim, diante de outra instância comunicativa do processo de construção de uma obra. É o diálogo do artista com ele mesmo, que age, nesse instante, como o primeiro receptor da obra (SALES, 1998, p 43)

Nos cadernos de apuração usados durante a viagem ao Chile em busca da entrevista com o jovem Anatole é possível identificar as informações referentes aos locais visitados e as fontes da reportagem como demonstram na imagem 1 e 2, respectivamente.

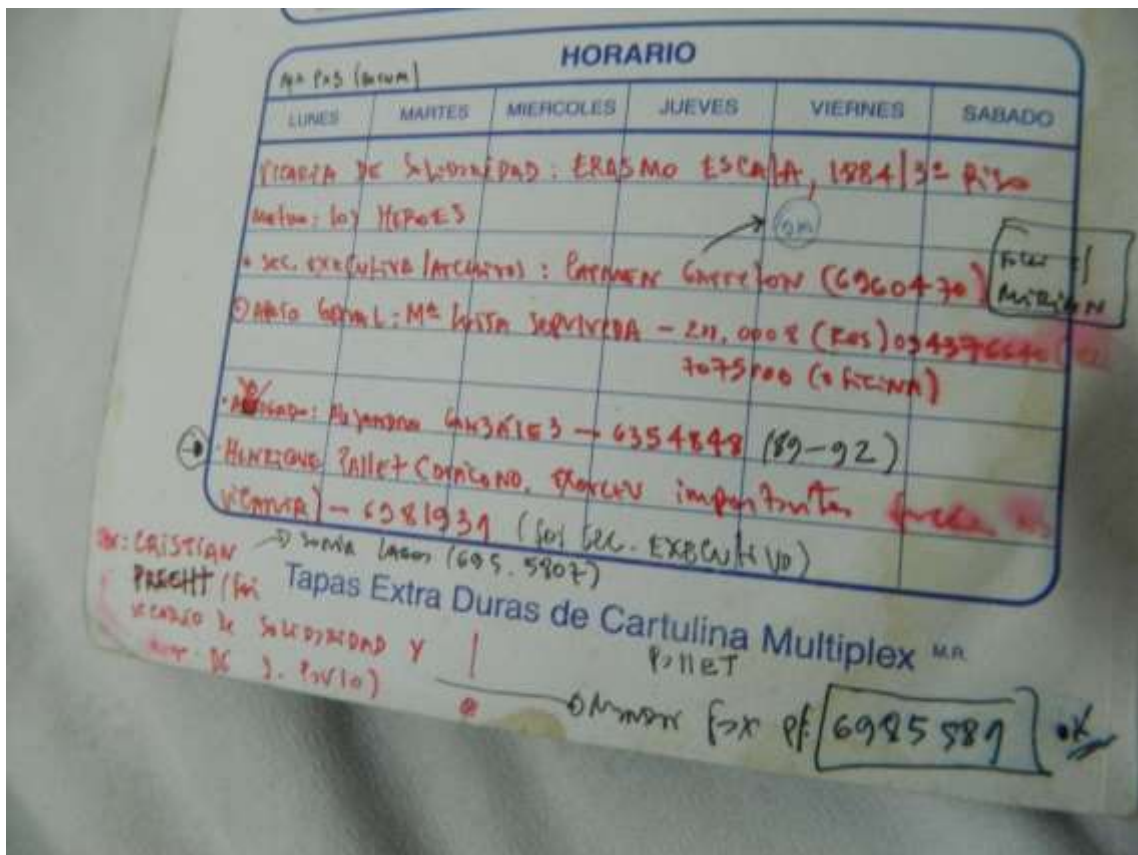
Imagem 1



<sup>13</sup> A citação foi retirada da obra original: Sebeok, T with Sebeok, J.U. 'You Know My Method,' In Sebeok, T. **The Play of Musement.**, Bloomington, IA: Indiana, 1991, p. 25.



Imagem 2



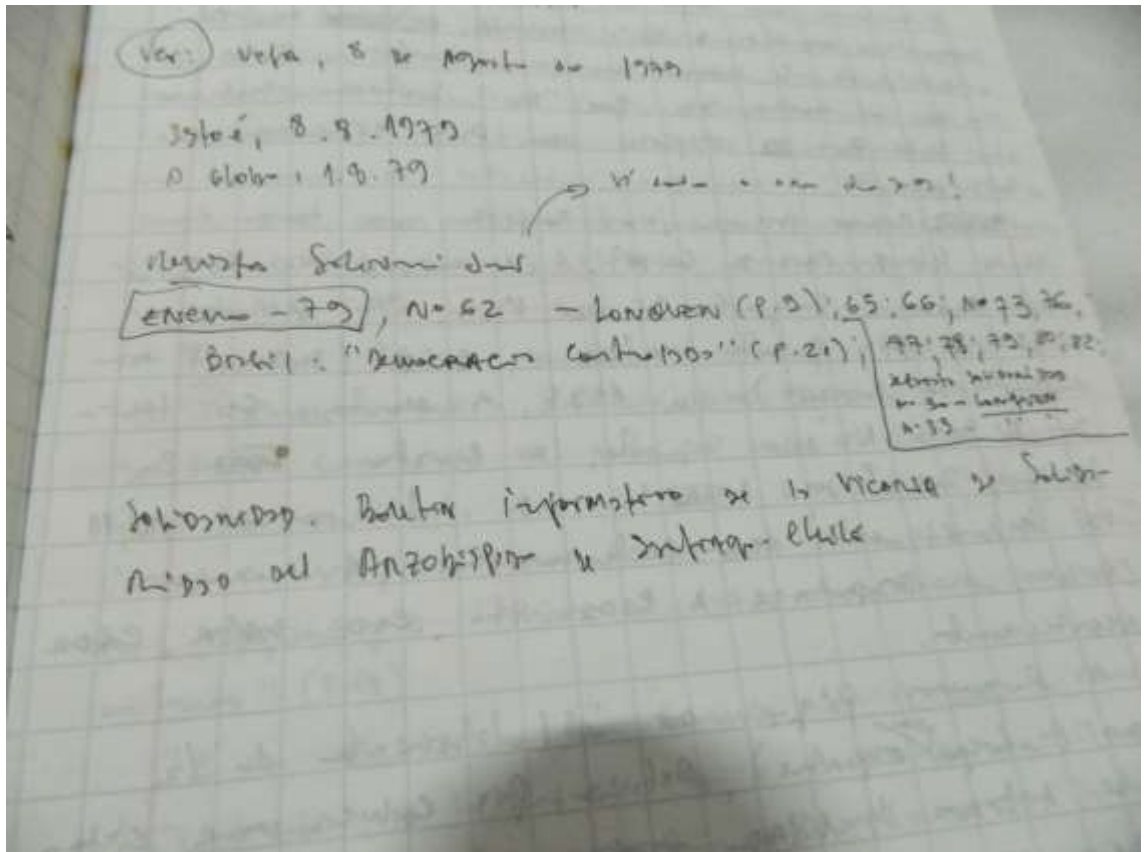
No livro, Samarone utiliza de elementos registrados em seu caderno de apuração para descrever a busca pela entrevista com uma das vítimas da ditadura Anatole<sup>14</sup>:

Em 1999, quando pude, finalmente, viajar para Chile, Uruguai e Argetina (...) Meus descaminhos me levaram até Valparaíso, palco de parte importante das cenas iniciais desta história sem fronteiras. Passei cinco dias na cidade tentando encontrar Anatole e Vicky. Fui à praça Bernanrdo O’Higgins e fiquei algum tempo (...). Depositei as esperanças de encontrar Anatole na última rodada de telefonemas internacionais. Longas conversas com Charles Harper me levaram a Belela Herrera, Mariela Salaberry, Hugo Cores e outros artífices daquela luta que envolvia diferentes personagens, no final dos anos 70 (LIMA, 2003, p. 234).

Ao observar as anotações do caderno de apuração do autor é possível perceber a preocupação constante com a checagem das informações e a verificação dos dados colhidos, como está representando na imagem 3.

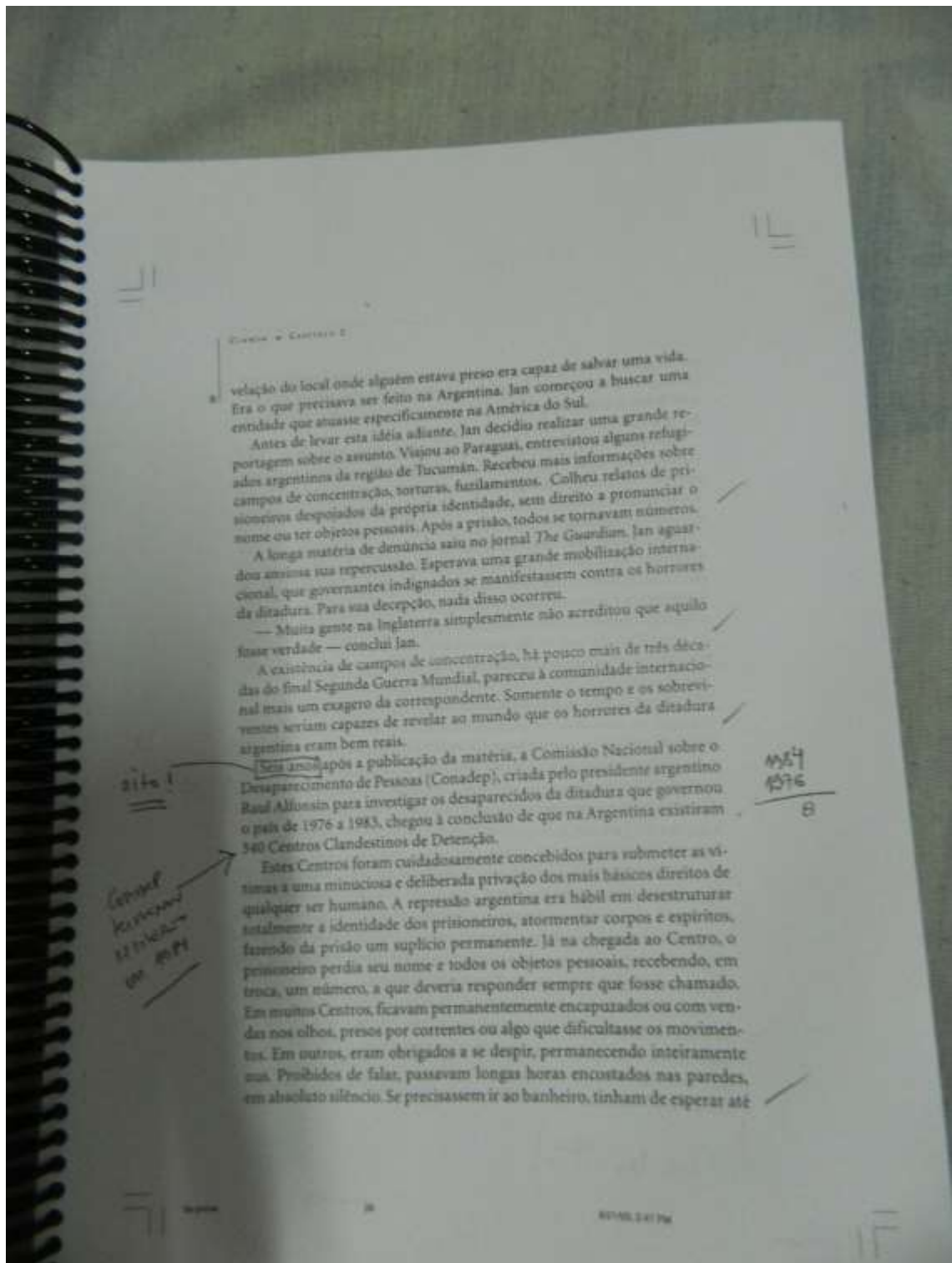
<sup>14</sup> Anatole e sua irmã Vicky presenciaram a morte dos pais, em 26 de setembro de 1976, quando estes tinham quatro anos e um ano e quatro meses, respectivamente. O assassinato ocorreu na Argentina e as crianças foram abandonadas, misteriosamente, no Chile durante o período militar. A história das crianças é narrada no capítulo 1, 5 e 20.

Imagem 3



Samarone vivencia o diálogo externo com a editora. Para exemplificar esse tipo de comunicação observamos o manuscrito revisado na imagem 4.





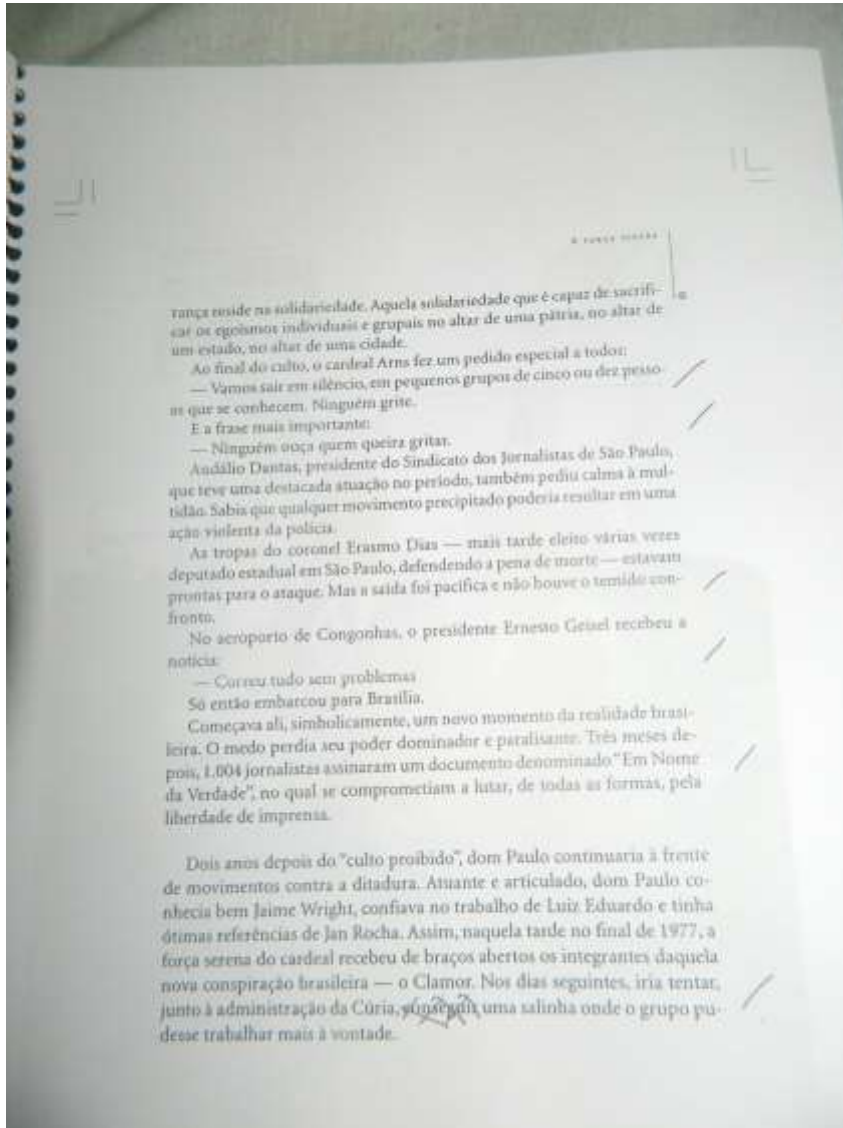
No livro Clamor constatamos a alteração no texto escrito:

Oito anos após a publicação da matéria, a Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas (Conadep), criada pelo presidente argentino Raul Alfonsín para investigar os desaparecidos da ditadura que governou o país de

1976 a 1983, chegou à conclusão de que na Argentina existiram 340 Centros Clandestinos de Detenção (LIMA, 2003, p. 26).

Outro exemplo da comunicação existente entre o autor e a editora está representado na imagem 5.

Imagem 5



Observa-se que nos parágrafos em que o texto está sem nenhuma alteração é riscado no lado direito com um símbolo e que as correções e sugestões também são realizadas. Desse modo, o livro Clamor possui interferência externa em sua elaboração.

### Considerações finais

O artigo utilizou dos conhecimentos das pesquisas genéticas para esmiuçar o livro-reportagem: “Clamor”. Para esclarecer o conceito Cecília (1998: 13) afirma: “a



crítica genética utiliza-se do percurso da criação para desmontá-lo e, em seguida, coloca-lo em ação novamente”.

A crítica genética é uma investigação que vê a obra de arte a partir de sua construção. Acompanhando os eu planejamento, execução e crescimento, o crítico genético preocupa-se com a melhor compreensão do processo de criação. É um pesquisador que comenta a história da produção de obras de natureza artística, seguindo as pegadas deixadas pelos criadores. Narrando a gênese da obra, ele pretende tornar o movimento legítimo e revelar alguns dos sistemas responsáveis pela geração da obra. Essa crítica refaz, com o material que possui, a gênese da obra e descreve os mecanismos que sustentam essa produção (SALES, 1998, p. 12).

As imagens utilizadas para contar a história do livro *Clamor* são chamadas de documentos de processo e assim, definidos por Cecília (1998: 18) como “registros materiais do processo criador. São retratos temporais de uma gênese que agem como índices do percurso criativo”. Cecília afirma as duas funções dos documentos de processo: armazenamento e experimentação.

O artista encontra os mais diversos meios de armazenar informações, que atuam como auxiliares no percurso de concretização da obra, e que nutrem o artista e a obra em criação (...) Outra função desempenhada pelos documentos de processos é a de registro de experimentação, deixando transparecer a natureza indutiva da criação (SALES, 2003, p. 18).

Através do estudo da análise dos processos é possível realizar a investigação em torno da obra, observando os elementos e caracterizando-os. Os elementos semióticos do semioticista Charles S. Peirce revela os estágios do processo investigativo: abdução, dedução e indução que são observados durante a pesquisa de Samarone Lima. O trabalho enriquece à medida que o diálogo com o autor avança assim como, a confiança do mesmo, em ceder os documentos de processo para verificar a origem da obra.

### **Referências bibliográficas**

BARROS FILHO, CLÓVIS. **Ética na Comunicação**. São Paulo: Summus, 2008.

LIMA, Samarone. **Clamor**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

MÁRQUEZ, GABRIEL GARCIA. **Notícia de Um Sequestro**. Rio de Janeiro: Record, 1997.



POPPER, KARL. **Gesto Inacabado. Em Busca de um Mundo Melhor.** Lisboa. Ed. Fragmentos, 1992.

QUESADA, MONTSERRAT. **La investigación periodística: el caso español.** Barcelona: Ed. Ariel, 1987.

REYES, Gerardo. **Interstícios Del Periodismo de Investigación.** Primera Epoca, volume 1, ano II, 1998. Disponível em: <<http://www.saladeprensa.org/art12.htm>>. Acesso em: 30.07.2014.

SALES, Cecília Almeida. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

TRUZZI, Marcelo. Você conhece o meu método. In: **O signo de três.** São Paulo: Editora Perspectivas, 1983.